

Anigriei]
Torres

Intertexto clássico e parcimónia mitológica em
Frei Heitor Pinto

Intertexto clássico e parcimónia mitológica em Frei Heitor Pinto

Por Amadeu Torres

501

1. Se me permitem empregar um termo saboroso e vanguardista que há quatro anos ouvi em S. Luís de Maranhão, eu *alunei* há várias décadas nas Universidades de Coimbra e de Lisboa, isto é, fui aluno nessas duas instituições, além de na Universidade Católica, e ainda hoje recordo as dificuldades que todos sentíamos na caracterização de um dos temas da Cultura Clássica, que era o do mito, superiormente tratado pelos Mestres - ora então perante ouvintes que estudavam essa cadeira como integradora do Curso, ora perante aqueles outros que nela se matriculavam como opcional.

Era num tempo em que a alguns de nós, talvez por havermo-nos enfronzado na filosofia e tornado porventura demasiado cartesianos ou husserlianos, faltava o salutar banho frio facultado pela *Scienza Nuova* de Giambattista Viço (1668-1744), obra extraordinária que deitou água na fervura da "ideia clara e distinta" de fulgor matemático, que celebrizou o *Discurso do Método* (1636). A intervenção fundamental deste grande polígrafo italiano alargou o conceito de ciência muito para além daquelas disciplinas que blasonavam de perfeito geometrismo e de rigor axiomático.

Foi assim que, mais esclarecidos e cónscios dos limites que pairam quer sobre o sujeito investigador quer sobre determinados objectos da investigação, acabámos por conformar-nos em face do conceito complexo de mito, não obstante as inúmeras abordagens de eruditos que nos precederam. É que enigmas há ainda à volta de tal conceptualização, com franjas refractárias a uma dilucidação cabal.

Propondo-me eu aqui não a tentativa de deslindar tal questão, mas apenas apontar a presença mitopoiética no "opus magnum" de Frei Heitor Pinto, creio que será suficiente uma simples definição operatória de carácter descritivo e abrangência aceitável *daquele*, isto é, do mito como criação topológico-legendária de conteúdo existencial, ou raconto misto de *logos* e *alogia* enraizado na tradição e dotado de valor simbólico, em que entram cosmogonias, divindades, heróis ou modelos arquetípicos abstracto—concretos, tudo centrado em torno do microcosmo humano como ser essencialmente em projecto perante o numinoso e o mistério. Acrescenta-se, ainda o facto da vastíssima proliferação deste fenómeno cultural, até hoje carecente de uma

Comunicação apresentada no *Symposium Classicum I Bracarense*, na Faculdade de Filosofia, de Braga, da Universidade Católica Portuguesa, em 21 de Maio de 1999, sobre a mitologia clássica e a sua recepção na literatura portuguesa.

¹ Cfr. Giambattista Viço, *Ciência Nueva*, prólogo e traducción de José Carner, Universidad de México, Facultad de Filosofía y Letras, 1941, 2 vols.; George Uscatescu, «Actualité et pérennité de Viço», in *Bulletin de l'Assoe. Guillaume Budé*, Paris, (1987)4; J. Michelet, *Discours sur le système et la vie de Viço*, Paris, 1827, *passim*. A 1ª edição de *Scienza Nuova* é de 1725, com 2ª e 3ª refundições em 1730 e 1744. A melhor edição crítica é de F. Nicolini (Bari, 1914-1941) em 8 tomos e 11 vols.

tipologia classificadora e sistematizada que abarque os mitos sacrais, puros, mistos, seculares, escatológicos, soteriológicos, catárticos, etiológicos, culturais e literários. A *Imagem da Vida Cristã* dá-nos uma amostra disto, não obstante certas recorrências compreensíveis.

2. A primeira vista parece escusado um trabalho destes com incidência na obra prima de Frei Heitor Pinto, bastante compulsada, sobretudo desde há cerca de três décadas. Na verdade, as múltiplas fontes greco-latinas deste texto de umas 1300 pp. apontou-as já Edward Glaser, com mestria e elegância, na sua edição² de *Imagem de Ia Vida Cristiana*, datada de 1967. O cristianismo humanista que ali palpita autorizadamente o registou José Adriano de Carvalho, em 1984, num colóquio em Paris sobre o Humanismo português e a Europa³. Em *Poesia e Metafísica* Eduardo Lourenço⁴, com a argúcia que conhecemos, já estabelecera um paralelo dilucidativo entre Camões e Frei Heitor Pinto. Por sua vez, José V. de Pina Martins, na extensa e bem elaborada «Introdução» com que abre a mais recente edição da *Imagem da Vida Cristã*, num grosso volume em papel bíblia enriqueceu este conjunto com a investigação das fontes humanístico-renascentistas⁵. Quanto ao estilo e valores literários da obra⁶, encarregara-se de tal empresa Mário João Pereira Loureiro em 1965.

Andando há tempos em busca de tema para este Encontro erudito sobre a mitologia clássica na nossa literatura, calhou de dar com os olhos em Frei Heitor Pinto cuja profusão de citações clássicas e patrísticas, além das da Sagrada Escritura e não contando as repetidas, ele próprio não se esqueceu de indicar no início dos dois tomos: 148, no 1^o, impresso em Coimbra, por João de Barreira em 1563, com 500 pp; 355, no 2^o, editado pelo mesmo João de Barreira, em Lisboa, no ano de 1572, com 797.

E aflorou-se-me naturalmente a pergunta a respeito do motivo da ausência de enumerações similares que nos inteirassem rapidamente dos intertextos mitológicos. Relidos uns quantos capítulos eles começam a aparecer, embora com parcimónia, mas não tanta como anteriormente eu pensava e seria talvez de esperar das circunstâncias coercitivas da época. Nascido pela década de 1520 e, em consequência da sua adesão à causa do Prior do Crato, falecido no exílio de Toledo, em 1584, três anos após o desterro, fizera a profissão religiosa em Santa Maria de Belém em 1543, sete anos volvidos sobre o estabelecimento da Inquisição em Portugal. E dois anos antes de publicar o primeiro tomo de *Imagem da Vida Cristã*, portanto em 1561, saía em Lisboa o primeiro *Rol de livros defesos*, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique, no qual curiosamente se achavam proibidos todos os escritos de Erasmo, que o Concílio de Trento, então a caminho do seu terceiro período de sessões, resolvera colocar no

² Cfr. Edward Glaser, *Imagem de ia Vida Cristiana*, Barcelona, 1967.

³ Cfr. José Adriano Freitas de Carvalho, «Le christianisme humaniste dans les dialogues de Fr. Heitor Pinto» in *L'Humanisme Portugais et L'Europe*, Actes du XXX^e Colloque Intern. d'Études Humanistes, Paris, Centre Culturel Portugais, 1984.

⁴ Cfr. Eduardo Lourenço, «Camões e Frei Heitor Pinto», in *Poesia e Metafísica*, Lisboa, Sá da Costa, 1983.-

⁵ Cfr. *Imagem da Vida Cristã* ordenada por Diálogos compostos por Frei Hector Pinto (NI), Introdução de José V. de Pina Martins, Porto, Lello e Irmão, 1984, pp. XXI-XLV.

⁶ Cfr. Mário João Pereira Loureiro, «A Imagem da Vida Cristã' no aspecto estilístico e literário», in *Revista de História Literária de Portugal*, ano II, vol. II, Coimbra, 1965, pp. 204ss.

Index. Como eu sabia que no II tomo, vindo a lume em 1572, isto é, 11 anos depois do tal *Rol dos livros defesos*, Frei Heitor Pinto citava três vezes os *Adagia*¹ erasmianos, resolvi inteirar-me do seu tratamento da mitologia, nunca, segundo julgo, expressamente encarado.

3. Deixam-se aqui à margem os simples mitónimos, heortónimos e hierónimos pagãos, assim como as avocações de personagens isolados que Frei Heitor Pinto repesca na *Iliada*, na *Odisseia*, ou na *Eneida*, o que faz subir o elenco das alusões mitológicas a algo mais de uma centena, em contraste com as clássico-patristicas ultrapassando as cinco centenas, e as bíblicas que andam por 350. Há, realmente, parcimónia no emprego mitonímico, conquanto a proporção de 1 para 8,5 não seja espectacularmente desnivelada e confirme sem ambages a compleição de um teólogo, moralista e asceta cristão de pura gema, nada fundamentalista, antes aberto a todo o contributo positivo e psicagógico da gentilidade.

Seleccionando desse centenar poliónimo atrás aludido as autênticas narrativas que acima agrupamos na definição de mito, eis as mais expressivas que embelezam o texto da *Imagem da Vida Cristã*, em simultâneo com um ror de comparações artisticamente entrosadas e uma opulência tropológica maravilhosa já por outros sublinhada⁸.

Abre a série mitopoiética Orfeu, logo no «Prólogo», num contexto de louvor da concórdia e da paz, em que são trazidos à colação S. João Evangelista, o apóstolo do amor, e Empédocles com a teoria do congraçamento dos quatro elementos do mundo. Escreve Heitor Pinto: "Isto quis significar o antigo Orpheo, quando disse que o amor tinha as chaves de todas as cousas, com as quaes lhe abria seus nascimentos para sayrem à luz. Hora se isto tanta força tem nas cousas naturais, que fará nas Moraes"⁹. No II tomo, no diálogo acerca da verdadeira amizade, que se traduz em conselho e entreajuda, diz um dos dialogantes: "Aconteceome o que dizem os poetas que aconteceo aos que estauam nas penas do inferno, quando fingiram que Ia descera Oipheo em busca de sua amada Eurytica [Eurídice], que assicomo elles não sentiram pena em quanto durou a musica que elle cõ sua doce voz e suave arpa lhe dava, assi eu senti allivio [...] em minha dor, em quanto durou esta docta e deleytosa pratica"¹⁰.

No diálogo sobre a verdadeira filosofia com que começa o I tomo, o filósofo, um dos três praticantes, assim invectiva o ermitão contraditor: "E não sey como vos ousareys a fazello, saluo se vos sois o Atlas, que fingiram os antigos, que sostinha com a cabeça todo o peso do ceo, dando a entender que tinha a sciecia nã som^te das cousas humanas, mas das diuinas"¹¹. Noutro lugar, o mesmo titã serve para acentuar as dificuldades de um teólogo em falar, com perfeição, da amizade, "carga dina dos hõbros de Hercules ou Atlante"¹².

⁷ Cfr. Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, ed. cit. na nt. 5, II, pp. 555 (cap. XIII do Diálogo «Das Causas»), 613 (cap. XXII, do mesmo), 677 (cap. VII do Diálogo «Dos verdadeiros e falsos bens», que Pina Martins, por lapso, coloca no cap. VIII). Vd. também nt. 6 da p. XXXIII da «Introdução».

⁸ Cfr. José V. de Pina Martins, *o.c.* na nt. 5, «introdução», p. XLVI.

⁹ Cfr. Heitor Pinto, *o.c.*, «Prólogo do Autor», p. XIV.

¹⁰ Cfr. *Id.*, *ibid.*, II, p. 461.

¹¹ Cfr. *Id.*, *ibid.*, I, p. 16.

¹² Cfr. *Id.*, *ibid.*, II, p. 285.

Ainda no diálogo primeiro, aos depoimentos de Homero, que "compara a vida humana a folhas de árvores caducas", de Píndaro para quem ela é "o sonho de uma sombra", de Séneca que a assemelha a um simples ponto, de Varrão citando o provérbio "homo bulia", acrescenta o juízo de «Luciano no dialogo de Charonte, *q* quer dizer *q* o homem he hua empola dagoa *q* logo se desfaz»¹³. Além do conhecido barqueiro do reino subterrâneo do Érebo e do Tártaro, Heitor Pinto cita, noutras passagens, duas vezes o Estige, rio dos juramentos irrevogáveis, e uma vez o Letes, o do esquecimento eterno, mas não o Flegetonte e as suas undosas chamas¹⁴.

104

Um dos mitos mais presentes é o de Hércules: ora acusado injustamente de covarde, ora exaltado pelos seus trabalhos¹⁵, seja o Líbio ou Tebano, filho de Osíris, seja o Grego, nascido de Anfitrião e Alcmena e chamado Alceu; ora, ainda em tenra idade, matando umas serpentes, do que o escritor se serve para o símile de que "os homê~s que na virtude auião de ser insignes e abalisados, logo de pequenos auião de extinguir as branduras e falsos contentamentos com que o diabo os tetasse, e que não auião de fazer bom rostro às tentações, antes em começando as auião de fazer em pedaços¹⁶. No II tomo; vemo-lo pelejando contra os monstros como Ulisses com as sereias, elogiado pelos seus trabalhos e tido por imortal na crença da gentildade, admirado pelos seus ombros possantes¹⁷, honrado na estátua que observara no Capitólio de Roma, com três maçãs na mão esquerda, uma clava na direita e a pele de leão a envolver aquela: "e desta maneira o pintauã em alguns lugares os antigos, porq dizia elles *q* entrara elle no jardim das Hesperidas e matara hua serpente *q* o guardava, e tomara aqlles três marauilhosos pomos, *q* por sinal trazia na mão". Mas "os átiguos por Hercules entedia qualquer varão heroyco que buscaua cousas d' alta Tpresa em *q* se abalissasse: pela pelle do lião entendia o esforço e alto animo, e pela maça a doctrina e a sciecia, que são cousas cõ *q* cõ o diuino fauor se acquirem as três maçans d'ouro, que são a virtude e a fama, nesta vida, e a imortalidade da gloria na outra"¹⁸. Contudo, por mais portentoso que alguém se julgue, pode sempre succumbir: Hércules, depois de tantas proezas e espantosas vitórias, foi vencido pela belíssima rainha da Lídia, Ônfale. "E veo a cousa a tanto que lhe tirou ella as armas e em lugar da maça de ferro lhe meteo na cinta hua roca, com que fiava, e por setas lhe deu fusos; e a áspera pelle do despojo do lião lhe mudou nua branda camisa de molher. Vedes aqui o que lhe fez a fermosura"¹⁹.

Claro que Heitor Pinto simplificou demasiado as coisas em prol duma lição moral chocante como esta. Mas a lenda é muito mais complexa. Não foi a beleza de Ônfale que fez dele um escravo efeminado e escarnecido por um ou três anos em que a serviu, dado que tal aconteceu simplesmente por deliberação de Zeus em castigo de um homicídio perpetrado

³ Cfr. Id., *ibid.*, I, p. 18.

⁴ Cfr. Id., *ibid.*, II, pp. 44 e 581; II, p. 257.

⁵ Cfr. Id., *ibid.*, I, pp. 95 e 335.

⁶ Cfr. Id., *ibid.*, I, p. 481.

⁷ Cfr. Id., *ibid.*, II, pp. 86, 139, 285.

⁸ Cfr. Id., *ibid.*, II, pp. 409-410.

⁹ Cfr. Id., *ibid.*, II, p. 670.

friamente. Quanto aos trabalhos de Hércules, que são doze, na *Imagem da Vida Cristã* unicamente se lêem dois: a posse das maçãs de ouro que, de acordo com outra versão, astuciosamente arrebatada das mãos de Atlas, que as colhera enquanto Hércules lhe aguentava o mundo às costas; e a morte da Hidra de Lerna²⁰, de nove cabeças, ou de sete como afirma Heitor Pinto, que noutra lugar descrevera melhor o feito: "Fingiram os antigos escriptores hila serpente chamada hydra de muitas cabeças, de tal natureza que cortandolhe hua lhe nasciam por ella muytas, e que nam auia outro remédio pêra lhas tirar de todo senam queymallas, porque o fogo lhas não deixaua crescer. [...] Isto he o que elles escreueram, nam pêra nos crermos que isto realmente assi passara, senão pêra que nestas fições metessem sua doutrina embuçada em fabulas poéticas"²¹.

Por vezes o intuito moralizador força a hermenêutica intertextual, como sucede no único aproveitamento que faz do mito de Prometeu contado por Hesíodo e dramatizado por Esquilo. "Quando os poetas fingiram q el-rey Prometeu estaua no cume do mote Caucaso atormentado d'hua aguea que lhe estaua roendo o coração, ou como outros dizem, o fígado, sem nunca acabar de lho comer, que outra cousa quizeram significar senam que o bom príncipe ha de ter conhecimêto do curso das estrellas? Que aguea he aquella q lhe roia o coração, senam a alta e triste meditação dos mouimentos celestes e a contêplaçam espherica e mathematica? E porq[, na subtiliza desta sciencia, d'hu cuidado nasce outro, e hum pensamento gera outro pensamento, fingiram que esta aguea sempre roia o coração sem nunca acabar de o cõsumir, porque a parte roida tornaua a nascer. E porque esta meditação mathematica he sobre as cousas altas e celestiais, disseram q estaua este rei não numa verde varzia ou sombrio valle, senam no alto cume do monte Caucaso, q parece q cõfina com o ceo. Nem fingiram q lhe roia o coração animal terrestre, mas haa ave, e nã qualquer, mas a princesa de todas ellas, a que voa mays alto, a que era dedicada ao grande Júpiter, a quem elles chamauam rei das estrelas e colocavam âtre as vaidades de seus deoses como mais excelente e supremo de todos elles"²². Este excerto de teor ético-pedagógico compreende-se melhor se se tiver em conta o diálogo em que se insere, que é o da justiça e das qualidades exornantes de um perfeito príncipe, no qual um dos intervenientes é um matemático, bem conhecedor de que no escudo de Aquiles havia insculpidas muitas constelações celestes.

Há mitos, e falta tempo para os relevar a todos, eventualmente evocados em apoio argumentativo ou comprovativo, mas sem desenvolvimento especial, naturalmente por desnecessário, quais o de Argos, não o cão de Ulisses, mas o dos muitos olhos como Osíris; o de Proteu, que muda em tão várias figuras como o mundo se muda cada dia²³; o de Anteu, que recobrava forças sempre que com os pés tocava a terra; o de Sísito imparável a rolar a pedra do castigo; o de Perseu libertando Andrómeda e matando a Medusa; o de Ícaro e Faetonte, um queimando as asas na sua ascensão vaidosa, outro desgovernadamente perdendo-se no carro

²⁰ Cfr. *Id.*, *Md.*, II, p. 285.

²¹ Cfr. *Id.*, *ibid.*, I, p. 126.

²² Cfr. *Id.*, *Md.*, I, pp. 204-205.

²³ Cfr. *Id.*, *Md.*, I, pp. 182, 337.

do Sol; o de Danae²⁴ prisioneira e visitada por Júpiter, como nos narra Simónides de Céos, Hesíodo, Píndaro, Ovídio e Apolodoro; o de Tântalo, descrito na *Odisseia* e de que Heitor Pinto se serve para lhe assemelhar "muytos homes que se honram de ter grandes estantes cheas de liuros a que não sabem os nomes, nem os leram nunca, nem sabem de que tractam; prezamse muyto de os possuir e pouco de os entender"²⁵; e finalmente o de Anfião, que com os acordes da sua música movia as pedras, sensíveis e obedientes às suas melodias; e continua vivo nos poetas de hoje, entre os quais João Cabral de Melo Neto²⁶.

4. Antes de terminar, talvez seja ocasião de atender a algumas dúvidas porventura surgidas na mente dos ouvintes.

Não foi Heitor Pinto um reputado teólogo e famoso exegeta bíblico, professor de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra? Sem dúvida, mas nem por isso deixou de ser um grande apaixonado da literatura greco-latina, além de notável humanista perito nas três línguas da alta cultura de Quinhentos, que eram o grego, o latim e o hebraico.

A resposta, porém, antecipou-a ele no "Diálogo da discreta ignorância", do II tomo de *Imagem da Vida Cristã*, quando escreveu: "Assi como os que buscam ouro nalгаа mina fazem hufa coua profunda, e cauando com diligê"cia vão lançando a terra fora, e buscam tanto até que acham o ouro, assi os que buscam proueyto na lição dos gentios devem fazer uma coua de profunda humildade em que se metam, e lançar fora o peso da terra das cousas inúteis e danosas; e assi cauando irão descobrindo o ouro da excellente doutrina. Mas quando os liuros são taes que nelles não ha proveyto, de que serve lelos? Os que deyxam os liuros catholicos e discretos e proveytosos poios profanos e frivolos e impeciuees, são semelhantes ao filho pródigo de que fala o Evangelho, que apartandose de seu pay, que he Deus, deyxando as boas igorarias que são os bõs documentos da Sancta Escripura e dos outros livros excellentes com que a alma se apascenta, comia as cascas que ficauam do mantimento dos porcos, que são as letras prophanas, que incham e não fartam quando tratam cousas vãs, fofas e perniciosas"²⁷.

Num século em que as letras clássicas estavam no auge, iluminadas pelas várias correntes humanistas, o comportamento do provincial da Ordem dos Jerónimos é o mesmo de outros eruditos e mestres do saber coevos, desde Erasmo, Budé, Bembo, Luís Vives, André de Resende, Jerónimo Osório, peritos nas letras sagradas e simultaneamente nas profanas.

Mas o excerto acima posto em relevo fora também um modo de prevenir incómodos de uma Inquisição que nem poupava o cronista-mor do Reino e preceptor de príncipes que era Damião de Gois. Possivelmente será esta a explicação para as iteradas repetições do verbo *fingir* e sinónimas disseminadas ao longo dos doze diálogos que integram a *Imagem da Vida Cristã* , às quais Heitor Pinto recorre, não sempre, mas bastantes vezes ao apropriar-se

²⁴ Cfr. Id., *ibid.*, II, pp. 284, 247, 12, 678.

²⁵ Cfr. Id., *ibid.*, II, p. 208.

²⁶ Cfr. Id., *ibid.*, II, p. 473; João Cabral de Melo Neto, *Psicologia da composição, com a fábula de Anfião e Antiode*, Barcelona, 1947; id., *Poesia completa*, Lisboa, INCM, 1986, pp. 399ss.

²⁷ Cfr. Id., *ibid.*, II, pp. 258-259.

de material mitopoiético. Ouçam-se estes exemplos: "em suas fingidas fabulas deixaram em memória os antigos poetas"; "queriam nestas philosophias enfronhadas nestas fabulosas historias esinar os antigos..."; "isto quiseram significar os poetas quando em suas fingidas fabulas deyxaram em memória..."²⁸.

E basta, para honra deste notável vulto de Quinhentos a quem as letras sagradas não prejudicaram nem tolheram a paixão pelas letras clássicas onde, como operosíssima abelha, o seu espírito liberal e insatisfeito soube colher o pólen de que resultou o mel da sua doutrina, espontaneamente artística de forma e excelente de conteúdo.

E como estamos num simpósio, só recorde que os romanos durante os banquetes (que em grego têm precisamente este nome) tinham sempre um escravo, o anagnoste, que durante os mesmos era obrigado a ler em voz alta para os convidados.

Eu não fui obrigado, pois vim da melhor vontade. Mas cumpre-me, no entanto, agradecer-lhes sinceramente a paciência com que me escutaram.

Amadeu Torres
(Univ. Católica Portuguesa e
Univ. do Minho)

²⁸ Cfr. *Id.*, *Md.*, I, pp. 270 e 334.